

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos, e
aponta-vos o ca-
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O FACHO

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO BEN-ROSH
REDACÇÃO — Rua Guerra Junqueiro, 340 — Porto
(Toda a correspondência deve ser dirigida ao director)

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

Pensamentos do Judeu alemão Henrique Heine



O fanatismo é uma enfermidade conta-
giosa, contra a qual são estereis todas as
profilaxias.

* * *

O interessante é sempre uma deriva-
ção mais ou menos engenhosa do belo.

* * *

Nenhuma loucura é tão castigada pelos
homens, como a de pretender introduzir
demasiado do futuro no presente.

* * *

A sociedade é, no fundo, republicana,
e toda a soberania, seja de ordem mate-
rial ou moral, lhe repugna. Cada vez que
um individua quer elevar-se sobre o ano-
nimo nivel, as debilidades somadas ao
imenso rebanho formam um ariete que o
fere pela calunia ou pela mófa.

* * *

Não mostremos demasiada preferencia
pelos detalhes gratos ao descrever. O per-
feito pintor deve reproduzir com igual
minucidade a mosca importuna como o
esbelto corsel.

Nunca me agradaram as mulheres que
zombam da religião, uma mulher bela
sem fé é como uma flor sem perfume.

* * *

Deus me perdoará as infamias que
tenha cometido contra ele, do mesmo mo-
do que eu perdôo aos meus inimigos as
que escreveram contra mim, visto que os
meus inimigos se encontram a tanta dis-
tancia por baixo de mim como eu estou
de ti, Deus meu.

* * *

Quando os judeus são bons, excedem
desde logo aos cristãos; quando nascem
ou se tornam maus, são peores que os de
todas as religiões.

* * *

Quanto maior é um homem, mais facil-
mente o alcançam os dardos da ralé: aos
anões é muito difícil apontar-lhes.

* * *

Os raios que disparam os invejosos
contra os grandes, só servem para ilumi-
na-los melhor.

HANUCÁH

Mais uma vez acabámos de comemorar a festa de Hanucah ou Macabeus.

Com o aniversário da restauração do culto no Templo, vieram as respectivas recordações. O Templo profanado, contendo nos seus altares ofertas imundas. Os Judeus oprimidos severamente e, a cada passo, obrigados a adorar Jupiter e os outros deuses gregos. Como governador, um homem em quem não existiam sentimentos humanos e que, do seu trono, pela força esmagadora, quer fazer obedecer a toda a espécie de injustiças e crueldades.

Se lhe diziam que um era fiel adorador do único Adonai, logo êle ordenava que, após a recusa a comer carne de porco ou qualquer outra vianda impura, fosse aniquilado.

Tratando-se de familia, era mais heroico o acto, segundo êle, permitindo que uns vissem morrer outros. Assim succedeu, entre muitos a uma pobre mulher; vê morrer por ordem do tirano, um, dois, três, . . . até sete os seus filhos.

Mas, depois, é animador e alegre, ir com o velho Matatias, chefe erégico e audaz a formar um pequeno grupo que há-de revoltar-se, lutar, defender o povo e a pátria e colocar no trono a justiça e a paz no lugar da injustiça e da tirania.

*
* *
*

Sabendo, porém, que é dispensavel descrever esta festa porque Israelita algum lhe é alheio e, ainda, apesar disso, se encontra o resumo adiante, passo sómente a descrever a maneira como a comemorámos.

Pelas 3 horas da tarde começou a oração da Mineha, que o Reverendo preceptor Francisco Samuel Rodrigues entoou solenemente, mostrando bem competência e amor para desempenhar as suas elevadas funções. Logo depois da oração, o Talmid Jonathan Rebordão, pronunciou um discurso, cuja ultima parte a seguir transcrevo:

Minhas Senhoras e meus Senhores.

O meu coração está hoje duplamente satisfeito e radiante. Sim, digo duplamente, porque, em primeiro, lugar como Israelita que sou, alegio-me com todos os Israelitas presentes e com os de todo o mundo pelo dia que hoje comemoramos. Ele nos trás à memória uma das paginas mais belas, mais heróicas da nossa história; em segundo lugar e principalmente, porque vejo que o que se deu à tantas centenas de anos na Palestina se está a dar actualmente no nosso país, em Portugal. Também nós tivemos perseguições, também nós tivemos guerras e também nós tivemos e temos finalmente a vitória. Sim a vitória e é plenamente satisfeito e orgulhoso que eu o aqui declaro. Talvez que alguém considere esta minha afirmação produto duma imaginação demasiado fertil mas não é. Com efeito, há uma profunda analogia entre a historia dos Macabeus e a historia dos Judeus Portugueses, os chamados actualmente «Maranos». Refiro-me ao tempo decorrido desde os tempos do rei D. Manuel e D. João III até ao tempo presente.

Tambem êstes reis moveram cruéis guerras aos Judeus existentes neste país

Combateram com armas peores de que o ferro e as pedras, como o são as prisões e o fogo, êstes pobres Judeus, que outro crime não tinham, senão o de só adorarem o Deus único de Israel e o do cumprimento da Lei. Tambem eles foram perseguidos, presos, mortos a ferro e a fogo.

Suas sinagogas foram destruidas e incendiadas; as suas casas foram saqueadas; enfim passam por todos os horrores, por que é possivel passarem pessoas humanas. Passam anos. Passam séculos.

O Judaismo em Portugal jazia prostrado, desconhecido, amarfanhado. Ninguem queria expor-se aos rudes ataques que se lhe moveriam, se se viesse lutar aberta, clara e denoadamente pela causa Judaica. O tempo continua a passar é o Judaismo continua no mesmo aniquilamento.

Foi, então, que, impávido e sereno, se ergueu a figura marcante e heroica, eu considero êste gesto como um verdadeiro acto de heroicidade, porque, não é só heroi o que em presença do perigo redobra ainda de valôr, mas tambem o que perante a campanha que decerto sabe que lhe moverão, continua sempre firme e sereno, tendo

Como disse, a figura marcante e heroica do snr. Cap Barros Basto impô-se, tendo só como norma e divisa: a verdade

Foi ele também que teve essa força de vontade, foi êle que levantou do letargismo em que jazia o Judaísmo que nem se sabia onde existia.

Assim, vemo-lo sempre incansavelmente trabalhando também pela obra da purificação do Templo o da nova dedicação do altar.

Vemo-lo sempre dar o melhor do seu esforço à obra a que consagra a sua contínua atenção.

Tem sido com o impulso dêle que o Judaísmo em Portugal tem singrado através do tormentoso mar da maldicencia, da opposição e dos ódios a que tem sido sujeito.

Minhas Senhoras e meus Senhores, se as figuras dos Macabeus se impõem à nossa admiração e respeito nos causam assombro, não menos se nos deve impôr o do snr. Capitão, porque, se os Macabeus venceram, em péssimas circunstancias, inimigos que, todavia, os combatiam aberta e até lialmente, o snr. Capitão tem de lutar contra inimigos que não conhece e que nem sequer vê. Apesar disso, a obra tem prosseguido sempre e a atesta-lo está o estarmos aqui reunidos na mais completa confraternização.

*

* *

Ainda aplaudindo o jovem, cujo trabalho é já louvavel, passamos a outro andar, onde duas grandes mesas mostravam cálices, chavenas, doces e vinho, parecendo indicar a maneira como se passariam algumas horas.

De facto, os numerosos convidados, alguns dos quais nos honraram pela primeira vez com a sua assistência, tomaram lugar á volta delas, deixando transparecer a boa disposição por animadas conversas e constantes sorrisos.

Desta maneira as horas decorreram despercebidas; o sol desapareceu saudosamente além detrás do mar e a noite caiu, ao contrário do que sucede no estio, rápida e fria.

*

* *

Falta ainda dizer uma outra causa desta festa. Ligando o passado ao presente, lem-

bramo-nos que não só é aniversário dos heroicos Macabeus de outrora, mas também de alguém que, actualmente se tem dedicado com tanto amor como êles á mesma obra: resgate, consagração do templo e distribuição da paz espiritual, para o que igualmente teve de lutar contra erros, injustiças, ou numa palavra, contra mil obstáculos que de todos os lados surgiram.

Este alguém é S. Ex.^{cia} o Snr. Capitão Barros Basto, a quem, a pedido e em nome de várias pessoas, aqui apresento as nossas homenagens e as nossas felicitações por mais uma primavera decorrida.

Porto, 18 12-1933

David Augusto Morêno

• • •

A fé dum velho judeu

O Imperador Adriano passava um dia pelas ruas de Tiberiades e ficou mui admirado por ver um velho a plantar uma figueira.

Não se conteve, que não se aproximasse dele e lhe dissesse:

—Para que estás a plantar essa árvore: Mesmo quando a plantasses na juventude já só quando velho comerias os seus frutos, os quais assim, podes estar bem seguro de não ver.

Respondeu-lhe o ancião:

— Eu trabalhei na minha juventude, mas não posso deixar de continuar agora.

A minha vida está nas mãos de Deus, e, se Ele quizer, poderei provar os frutos desta figueira.

—Que idade tens, perguntou-lhe o Imperador?

— Cem anos, respondeu o velho.

— Cem anos!!! e com esperanças de provar os frutos duma tam pequenina figueira.

— Assim é a vontade de Deus, diz o ancião; mas, caso não venha eu a prová-los, come-los-á o meu filho, assim como eu comi os frutos do trabalho de meu pai.

— Muito bem, torna o Imperador.

Se viveres até comer esses frutos, rogo-te que me vás avisar.

A figueira cresceu muito e deu figos.

O ancião lembrara-se, então, intimamente satisfeito, das palavras do imperador.

Vou visita-lo, diz consigo.

E, depois de ir buscar uma cesta que encheu de figos da figueira mencionada, tomou o caminho do palácio. Chegando lá, conseguiu, depois de expor a razão da sua presença aos guardas, que o Imperador o ouvisse.

—Que desejas, lhe perguntou?

—Eu sou o ancião que visteis um dia plantando uma figueira, e, visto que mostrasteis desejos de saber se veria os seus frutos, venho apresentar-vos alguns deles, para que os proveis

O Imperador muito admirado e ainda mais encantado ordenou que tirassem os figos da cesta e, no seu lugar, possessem moedas de ouro.

O ancião partiu e logo os cortesões foram perguntar ao Imperador a causa porque havia honrado tanto aquele velho Judeu.

Responde êle:

—Se Deus o honrou, porque o não hei-de honrar eu também?

Uma vizinha do velho desta historia muito interessada e invejando quasi a boa sorte dêle, instou com o seu marido para que fosse tentar fortuna do mesmo modo.

Tomou uma cesta de figos, e deu-a ao marido dizendo-lhe:

—Vai levá-los ao Imperador.

Como ele gosta muito deles troca-los-á por moedas de ouro, como fez ao nosso visinho.

Chegando o marido da bôa mulher ao palácio, diz aos guardas:

—Venho trazer estes figos ao Imperador. Peço-vos que esvaziéis a cesta e a enchais de moedas de ouro.

O Imperador sabendo do caso, ordenou que fizessem esperar o homensinho e lhe atirassem os figos em cima.

Assim foi e, quando o pobre homem volta sente-se muito cançado e também maguado.

Chega a casa irritadissimo.

Então, diz-lhe a mulher:

—Não te zangues tanto só por isso.

Muito mais maguado virias se, no lugar de figos, fossem nozes.

David Augusto Moreno

Dos 4 cantos da Terra

Polonia — A organização antisemita Rozwo áj foi dissolvida em toda a Polonia, por ordem das autoridades.

Letonia — As janelas da embaixada e do consulado britannicos foram quebradas; a policia procede a investigações entre os judeus revisionistas, isto é, entre os judeus partidarios da emancipação da Palestina do dominio inglês e formação dum estado judaico independente.

Grecia — A Comunidade Israelita de Corfú pediu ao governo grego a autorisação de fundar uma escola rabinica para que as comunidades da Grecia não sejam obrigadas a recrutar os seus rabinos no estrangeiro.

Fislandia — Não obteve exito uma tentativa feita para proibir a Shehitah (maneira judaica de abater animais para alimentação). Até os deputados da extrema direita votaram contra este projecto de lei; um deles, M. Lapo, declarou que proibir o abater das rezes segundo o ritual judaico, seria praticar uma perseguição religiosa.

França — O barão Edmond de Roth Schild fez um donativo à Academica de Bellas-Artes de Paris na importancia de 100.000 francos que serão destinados a subsidiar artistas pobres.

União Sul Africana — Tendo os judeus organizado uma grande manifestação em Johannesburg comemorando o 16º anniversarie da Declaração Balfur, o ministro do Interior, o snr. Grobler pronunciou um discurso no qual afirmou:—Os judeus dêste paiz não teem absolutamente nada a temer do antisemitismo. Nós não queremos que os ódios e as questões europeias invadam o nosso território.

O snr. general Snuts fez declarações análogas.

Visado pela Comissão de
Censura

Terra de Israel

—O Conselho dos Directores do Fundo Nacional Judaico resolveu introduzir nos contratos com os colonos uma clausula tornando obrigatorio nas terras adquiridas pelo referido fundo, a observancia do Sábado.

—No mês de julho e agosto do corrente ano emigraram para a Palestina 5145 judeus.

—No mês de setembro entraram na Palestina 4000 judeus para ali se estabelecerem.



Os dez mandamentos do Jornalismo

Um periodico americano enviou aos seus colaboradores e correspondentes uma série de recomendações, na qual lhes lembra os deveres profissionais e morais do jornalista.

É um autentico catecismo prosissional que encerra um interessante «Vade Mecum» por muitas razões recomendavel a quem, não sendo jornalista, vê na imprensa apenas um armazem de prosa ou um «écran» de vaidades pessoais.

Transcrevemos a circular que é, repetimos, bastante interessante:

1.º—Sempre que tenha qualquer assunto a enviar para o jornal deve escrevel-o e enviel-o com urgencia.

2.º—Seja breve, para poupar o tempo do leitor e muitas vezes o seu.

3.º—Escrever claramente e tenha cuidado, sobretudo, com os nomes proprios e os numeros.

4.º—Escreva frases curtas, para deliciar o leitor. Mais pontos que virgulas mas não se esqueça nem de uns nem de outros.

5.º—Não emende palavras nem nomes. É preferivel rasural-os escrevendo por cima a palavra que oferece duvidas

6.º—Escreva sómente de um lado do linguado, porque muitas linhas escritas no recto no verso da folha só podem ser confiadas a um só tipógrafo.

7.º—O original que exige mais de uma

hora de trabalho de composição corre o risco de só ser publicado mais tarde.

8.º—Ao que deixamos para amanhã póde suceder nunca mais ser impresso. A cada dia corresponde um assunto.

9.º—Sempre que escreva assine e não se esqueça do endereço. Nada receie, porque um jornal é um confessor. Seria faltar ao dever profissional se ao confiardes n'ele o vosso nome fósse citado sem o haverdes consentido. Todavia nenhum jornal póde perfilhar uma afirmação cujo autor se oculta.

10.º—Sobretudo tenha o culto da verdade. Seja impessoal. Não ceda ás suas afecções nem ao vosso odio. Diga o que faz como se tratasse de outra pessoa, sem falsa modestia, mas tambem sem vaidade. Em nada deve ser modificada a verdade.



A Vida e a Obra de Don Isac Abarbanel, estadista, pensador, exegeta

• Dom Isac Abarbanel viu a luz em Lisboa no ano de 1437 da Era vulgar ».

• Narra o proprio Don Isac na introdução ao seu comentario do livro de Josué, que a sua familia descendia do Rei David e tinha emigrado para a Hispanha depois da destruição do 2.º templo, directamente da Palestina ».

• Dos ascendentes seus recordaremos o bisavô Judah, vivendo no inicio de 1300 em Sevilha, onde era rendeiro de impostos; o avô Samuel estabeleceu-se primeiramente em Castela, onde foi obrigado ao batismo durante a perseguição sofrida no decurso do século XIV, e depois no visinho Portugal, onde pôde regressar abertamente à fé de seus antepassados. É recordaremos finalmente seu pai Judah, um dos comerciantes mais ricos e mais influentes de Lisboa na primeira metade do século XV, o qual, dada a reputação de habil financeiro de que gosava, foi chamado à côrte na qualidade de administrador dos bens do Infante, D. Afonso ».

• Don Isac passou a sua primeira juventude em Lisboa, onde teve uma educação esmeradissima. Não sómente cultivou o

estudo da Thorah, na qual teve como mestre o célebre Rabbi Joseph Ben Abraham H'a'im, mas dedicou-se também ao estudo das linguas estrangeiras, cultivou a Filosofia e a Historia e não descurou nenhuma das ciências naturais».

«Apenas com vinte anos compoz o seu primeiro trabalho, intitulado *Atéret Zakenim* (o ornamento dos velhos) no qual toca já grande parte da doutrina principal do judaismo, alguns dos problemas que êle enfrentará dum modo mais completo nas suas numerosas obras, seguintes.

De particular importância é uma observação de natureza autobiográfica, contida na introdução ao *Ateret Zekenim*. O jovem autor lamenta-se que outras occupaões o distraiam dos estudos, que sabemos ser o seu campo d'actividade preferido. E' um motivo que resalta frequentemente nos escritos de Abarbanel, mas que adquire um significado e um valor muito especial na sua primeira obra juvenil».

«Em 1473 êle inicia o seu comentário ao Deuteronomio, obra que será muitas vezes interrompida pelas occupaões politicas e que será terminada muitos anos depois na terra do exilio».

«Sem depressa, segundo as previsões feitas no *Ateret Zekenim*, êle foi distraído dos seus estudos preferidos. De facto Afonso V, soberano inteligente e culto, que tinha notado a capacidade politica e financeira do jovem Abarbanel, chamou-o á Côrte, confiando-lhe, pouco depois, o cargo de tesoureiro regio ou, para usar uma terminologia mais moderna, de Ministro das Finanças».

«No prefácio ao seu comentário ao livro dos Reis, êle expressamente diz qual foi o período mais feliz da sua vida: —Eu vivia em paz na casa paterna, na muito celebrada Lisboa, onde Deus me tinha concedido largamente bençãos, riquezas e honras. Eu tinha construido um palácio e construido vastos salões. A minha casa era grémio de doutos e de sábios. Eu era bemquisto na Côrte de Afonso, rei poderoso e justo, sob o qual ainda os hebreus gosavam dias de liberdade e de prosperidade. Eu era por êle estimado e em mim punha a sua confiança. Com seu agrado eu ia e andava no seu palácio».

Apesar de rico, poderoso e bem visto pelos seus vizinhos cristãos, Don Isac Abarbanel, bem longe de se desinteressar da sorte de seus irmãos, empregou sempre a sua importancia e a sua influencia politica ao levantamento dos hebreus. Com razão seu filho Judah, mais conhecido pelo nome de Leão Hebreu lhe chama «Escudo e Fortalêza» do povo desterrado.

«Quando em 1472 com a conquista de Arzila, cidade de Marrocos, foram feitos prisioneiros e vendidos como escravos 250 hebreus, ele nada poupou para obter o seu resgate, Constituiu em Lisboa uma comissão de 12 membros com o encargo de recolher dinheiro, para que por toda a parte a solidariedade dos hebreus não fosse insensível aos sofrimentos dos proprios irmãos. Ele proprio percorreu todo Portugal á procura dos escravos vendidos e, não satisfeito de os haver resgatado, providenciou para que lhes não faltassem alimentos e vestidos, até que, aprendida a lingua do país, podessem bastar-se ao seu proprio mantimento.»

«Os nobres sentimentos, a sua religiosidade profunda e sincera, a sua sabedoria aliada a uma grande modestia tinham-lhe grangeado a benevolencia e a amizade de muitos notaveis e doutos portugueses.

Ele tinha relações muito cordiais com o Duque de Bragança, principe de sangue, senhor de vastas terras, que tinha ao seu serviço um pequeno exercito e que pouco era inferior em poderio ao proprio rei.

As suas relações com a alta nobreza foram-lhe funestas. João II, sucedendo a seu pai Afonso V, mal tolerava a manifesta popularidade que gosava o Duque de Bragança. Atraindo-o perfidamente ao paço, fê-lo decapitar, motivando a condenação com supostas maquinações em seu dano. Também Abarbanel, que todos sabiam unido com laços de amizade ao duque justicado, foi acusado de haver sustentado a revolta, com conselhos e com dinheiro. Avisado a tempo do perigo que corria, pôde acolher-se na vizinha Castela. Dali Don Isac Abarbanel tentou em vão, convencer João II da sua inocência, pois os seus protestos de nada valeram e foi-lhe confiscado o seu património. Todavia a sua familia não foi molestada e pode ir juntar-se-lhe na sua nova morada.

Chegado a Toledo a sua condição económica foi assegurada por Abraham Senior, arrematante dos impostos daquela cidade, o qual o faz seu sócio nos negócios, evitando-lhe logo qualquer preocupação económica.

Podia finalmente Don Isac retomar os seus amados estudos, tantas vezes deles afastado pelas intrigas e ocupações políticas.

No período que decorre da sua fuga de Portugal em Março de 1484, no decurso de poucos meses completa o comentário ao livro de Josué, dos Juízes e de Samuel. Estava trabalhando no comentário ao livro dos Reis quando foi chamado à Côrte de Fernando e de Isabel para lhe confiarem as finanças do reino.

Quando em 1487 a cidade de Malaga foi tomada pelos exércitos unidos de Castela e Aragão e nela foram feitos prisioneiros 450 hebreus, Abarbanel novamente promoveu uma subscrição, que rendeu 27.000 dobrões de ouro, e restituiu a liberdade a êsses míseros, que estavam destinados a uma dura servidão.

O edito de expulsão de 1492 foi publicado em março e ordenava aos hebreus que abandonassem dentro de quatro meses o territorio espanhol. O único motivo do grave procedimento, a única censura feita aos hebreus, era a de persistirem na sua erronea crença e de dar possibilidades aos maranos ou cristãos-novos de praticarem occultamente a fé ancestral.

Depois duma breve dilação, o edito teve execução no dia 9 de Abril, data já duplamente infausta para o povo de Israel.

Ainda naquela hora de geral desencorajamento Don Isac Abarbanel não perdeu a sua firmeza e a sua fé.

—«Fazei que perante os nossos atormentadores e os nossos inimigos, nós fiquemos firmes na nossa fé e na lei de nossos pais. Se nos deixam com vida—viveremos, se nos matarem—morreremos, mas não faltaremos ao nosso pacto com Deus. Coragem! E no Seu Nome iniciemos a nossa perigrinação».

A nova morada do exilado Abarbanel foi a Italia.

Napoles foi o primeiro asilo de Abarbanel e nessa cidade pôde finalmente completar no outôno de 1493 o seu comentário ao livro dos Reis. Dali a pouco foi nova-

mente distraído dos seus estudos. Fernando I de Aragão chamou á côrte confiando-lhe um cargo semelhante ao que tivera primeiro em Portugal e em Espanha depois. Tal dignidade Abarbanel conservou-a ainda sob o reinado de Afonso II, filho sucessor de Fernando I.

Para ajudar os imigrados Abarbanel conseguiu reunir uma quantia de 6 000 ducados, dois terços da qual foram subscritos por cristãos.

Em 1494 Abarbanel passou a Messina com o seu senhor Afonso d'Aragão, quando este fugiu deante de Carlos VIII de França.

A expedição de Carlos VIII foi uma ótima ocasião oferecida aos aventureiros que nela tinham participado com a esperança dos despojos, e durante o saque, a que se entregou a soldadesca francêsa foi destruída a biblioteca de Abarbanel, preciosa biblioteca que lhe tinha merecido tantos cuidados e que tinha levado a salvo de Espanha. Um índice da riqueza e da raridade dos volumes e dos manuscritos que a compunham, são as numerosas citações que encontramos nas varias obras de Don Isac Abarbanel.

Na Sicilia ficou até Junho de 1495, quando morreu Afonso, que ele tinha acompanhado no exilio. Não podendo voltar ao reino de Napoles, que ainda estava ocupado pelos francêses, dirigiu-se para a ilha de Corfú, onde se dedicou a fazer o comentário de Isaías.

Em 1496 voltou para a Italia e fixou-se em Monopoli, na Apulia. Ali desenvolveu uma actividade literária prodigiosa e completou o seu comentário ao Deuteronomio, iniciado em Portugal vinte e quatro anos atrás. Longe dos seus filhos, privado de grande parte de riqueza que tinha salvo de Espanha, êle buscou consolação numa intensa actividade literária, e de facto os últimos dez anos da sua vida foram os mais fecundos no campo dos seus estudos filosóficos. Periecem aos escritos de caracter exegético elaborados neste tempo, um comentário à Hagadah de Pascoa e um, tratado sôbre o Pirké Aboth, que é uma das suas obras principais, no qual êle se trata da sapiência divina tentando concilia-la com o livre arbitrio. De 1496 a 1498 dedicou-se também a uma trilogia de caracter apolo-

gético, intitulada Migdol Jeshuot que tem por objecto o Messias.

Deste assunto Abarbanel se occupou com particular predilecção como duma coisa que lhe era duplamente querida, pois que para êle, que com uma certa altivez se dizia da stirpe de David, a vinda do Messias, filho de David, vinha assumir quasi a importância dum acontecimento familiar.

(Continua).

Ano de 5.694

Tishri	—(30 dias)	—dia 1	—21 de Set. ^o	1933
Heshvan	—(29 ")	— " "	—12 de Nov. ^o	"
Kislev	—(30 ")	— " "	—19 de Dez. ^o	"
Tebeth	—(29 ")	— " "	—19 de Jan. ^o	1434
Schebath	—(30 ")	— " "	—17 de Fev. ^o	"
Adar	—(29 ")	— " "	—16 de Março	"
Nissan	—(30 ")	— " "	—17 de Abril	"
Iyar	—(29 ")	— " "	—16 de Maio	"
Sivan	—(30 ")	— " "	—15 de Junho	"
Tamuz	—(29 ")	— " "	—14 de Julho	"
Ab	—(30 ")	— " "	—13 de Agosto	"
Elul	—(29 ")	— " "	—12 de Set. ^o	"

Historia Sagrada Infantil

por DAVID MORENO

(Continuação do n.º 59)

O desgraçado está coberto duma lepra horrorosa. Assentado fora da cidade, sobre estrume, limpa com um caco de barro o pus que lhe corre das suas úlceras.

CAPITULO XVIII

Job despresado por sua mulher e seus amigos

Sua mulher em vão tenta leva-lo á revolta contra a mão que o feriu, o Deus que assim o castigou.

«Tudo vem de Deus, respondeu-lhe o santo homem; se aceitamos o bem, porque despresaremos o mal»

Depois de sua mulher, foram os seus amigos, que vindo para o consolar, ficaram aterrados á vista dos seus males.

Breve se escandalizaram por o ouvir gemer.

«Onde esta o vosso temor de Deus, onde está a vossa coragem e a vossa paciência?» dizem-lhe êles quando, vencido pelo excesso da dor, Job, sem murmurar contra os decretos da Providência, não podia suster os seus gemidos. «Deus é justo, continuaram êles e não castiga os inocentes; se vos sofreis, é porque o merecestes.— Sem duvida, replicava Job, não estou sem pecado; entretanto Deus não tem necessidade das vossas mentiras para justificar a conducta da sua Providencia. Não dizeis que ele exerce sobre esta terra a sua justiça, pois como se explicaria a prosperidade do ímpio? Por mim não procuro compreender daqui para diante os segredos de Deus. Eu sei que a vida do homem sobre a terra é cheia de misérias, mas sei tambem que o meu Redentor é vivo, e que ressuscitarei no ultimo dia para ver o meu Deus face a face. Eis a esperança que me consola e que dá a paz á minha alma.»

CAPITULO XIX

Nova prosperidade de Job

Entretanto Job, repugnando as duras observações dos seus amigos, não deixa de se humilhar sob a mão de Deus e de confessar que não estava sem pecado.

Assim esperou confiadamente e, breve, viu desaparecer a doença e voltarem, como que a nascer, as suas varias partes do corpo, parecendo que nada houvera tido. Deus, como sempre, atendeu quem nele espera e retribuiu a Job ainda muito mais bens do que tinha tido. Teve mais sete filhos e tres filhas vendo os descendentes até á quarta geração

E, durante mais 140 anos gosou a felicidade terrestre que nada era, comparada com a que gosaria no lugar que o Todo Poderoso destinou para prémio dos justos.

Eis pois em breves palavras um dos nobres exemplos que ilustram algumas das paginas da Biblia.

Meditai nele, bebei cada uma das letras que compõem as palavras que Job pronunciou, como se fossem gotas liquidas. Recordai o seu sabor em todas as horas amargas que façam parte da vossa existencia e então encontra-las-eis doces e dar-vos-hão a coragem necessária para nunca vos deixardes envadir pela desesperança.

(Continua)